

O Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

O Problema da Habitação

Necessidade sempre essencial é a habitação. E o pobre, o trabalhador, o homem do povo, no Brasil, de maneira quase que geral, não reside, não mora, abriga-se, esconde-se, promiscua-se em choças de palha e em ranchos de pau-a-pique, em barracos, em mocambos e favelas, em cortiços e porões. Nem ar nem luz suficientes. Ausência de condições de higiene, formando ambientes propícios ao desenvolvimento de moléstias contagiosas. Promiscuidade forçada, contribuindo para a degenerescência moral e física da grande maioria dos brasileiros.

Enquanto nos arrabaldes onde reside a gente rica, em lindas e confortáveis residências, rasgam-se belas avenidas arborizadas e asfaltadas, ajardinando-se praças com farta iluminação por toda a parte, derrubam-se habitações perfeitamente habitáveis, para, em seu lugar, serem construídos luxuosos palacetes, nos bairros onde os trabalhadores são forçados a morar o aspecto é inteiramente diverso.

Nos arrabaldes e subúrbios populares não há água encanada, nem esgoto, nem iluminação, nem limpeza pública. O que há é poeira ou lama, sujeira, água servida correndo pelas ruas esburacadas, há, enfim, falta absoluta de higiene e de qualquer conforto.

Não constitui isso um contraste chocante denunciando uma injustiça clamorosa? Sem dúvida que sim.

Essa injustiça deve, portanto, ser enfrentada decisivamente, para que tenha pronta solução. Como? Voltando-se a atenção de quem isso compete também para esses bairros abandonados. Estendam-se até eles as canalizações de água e esgoto e os fios de iluminação, pavimentando-se suas ruas, abram-se praças ajardinadas, façam chegar até lá as carroças da limpeza pública.

É preciso que se lembre de que o povo também é gente — e gente que trabalha e produz, e que paga impostos, que, enfim, é parte ativa da coletividade, tendo o direito, pois, a uma vida decente a que o seu esforço faz jus.

Precisa, desde logo, de casas para morar, de habitações, modestas que sejam, mais cômodas e higiênicas. E não se alegue que seja um problema de difícil solução. Como para os apatados a solução é encontrada? Os grandes arranha-céus, os palacetes, as ricas vivendas multiplicam-se incessantemente. Pois que se construa igualmente habitações para o povo, que é quem constrói as moradias dos ricos.

Não existem dentro das cidades e de suas periferias terrenos baldios? Não há, igualmente, capitais vultosos acumulados nos bancos, nos institutos de aposentadorias usados para construções suntuosas? Não se acumula uma fortuna colossal nos depósitos de gás, luz e água e nas caixas econômicas? E que fortunas imensas não entenderam as congregações religiosas para serem canalizadas para o Vaticano?

Pois que se ponha já, mas sem demora, toda essa fortuna imensa em atividade na construção de bairros residenciais, em habitações para o povo, por toda a parte.

Nessa obra poderão ser ativadas cooperativas formadas por engenheiros, operários da construção civil, oleiros, por todos aqueles, enfim, que contribuem para as construções, incluindo os próprios inquilinos, que cobrirão o custo das casas em prestações mensais.

Poder-se-á, ainda, estabelecer que a cada arranha-céu construído corresponda o compromisso da construção de uma certa porcentagem de casas populares.

Tudo prático, simples, justo e exequível. Mas nada se fará sem a intervenção direta dos interessados, dos inquilinos, do povo, que nada poderá esperar de quem quer que seja — da burocracia parlamentar e governamental ou de partidos políticos.

O problema da habitação somente poderá ser resolvido pela ação popular, direta, ativa e incessante, organizando-se o povo em ligas de inquilinos e consumidores, de ruas, ampliando-se por quarteirões, bairros e cidades e agindo em cooperação com os sindicatos operários.

Dessa forma, se prestará uma contribuição à luta para o advento da sociedade libertária, na qual, dentro da solução normal do problema da habitação, corresponderá à condição de produtor o direito irrecusável a uma habitação construída na medida das possibilidades coletivas.

EDGARD LEUENROTH

A Educação, a Igreja e o Estado

Ainda a propósito do Vaticano, vamos aqui comentar uma correspondência publicada pelo "Estado", que lhe foi enviada por Rocco Morabito, seu correspondente na Itália. Morabito dá início à referida nota, dizendo:

"Em carta enviada ao cardeal Leger, no Canadá, por motivo do convenio de Montreal sobre educação, o cardeal Ciccognani, secretário de Estado do Vaticano, insiste, em nome do Papa João XXIII, numa questão que sempre constituiu ponto fixo da doutrina da Igreja: os direitos da família e da Igreja na educação dos jovens e na escola de tal educação estão acima dos direitos do Estado".

Essa, não! Como é que o Vaticano nega ao Estado o direito da escolha da educação para a juventude e ao mesmo tempo, também na qualidade de Estado, conforme acima fica patente, advoga em seu favor tal direito, embora com a família de permissão que é assim como que a peninha para atrapalhar? Essa, não! É evidente que os anarquistas, em face de seus princípios, não são partidários da educação administrada pelo Estado; mas muito menos por um Estado teocrático. Quanto ao "direito" da família, vá lá; mas isento dos preconceitos, das superstições que esta, através dos tempos, tem herdado da Igreja.

Mais em baixo, escreve Rocco Morabito:

"Convém recordar que, durante o fascismo, não faltaram grandes choques, entre o regime de Mussolini e o Vaticano, acerca dessa questão. O fascismo tinha introduzido o ensino da religião na escola e tinha posto o crucifixo nas salas de aulas, mas a Igreja não concordava com a educação totalitária da juventude de tipo fascista. Entre um regime totalitário aparentemente filocatólico e um regime livre ainda que rigidamente leigo, e até mesmo anticlerical, a Igreja, em seu íntimo, sempre preferiu o segundo".

Será? Mas então porque é que a Igreja, tradicionalmente reacionária, sempre tem apoiado os regimes totalitários, com exceção, é claro, daqueles que a perseguem? Todavia, é possível que, de certo modo e até certo ponto, haja algo de verdade nas palavras de Rocco Morabito, mesmo porque, às vezes também há algo de verdade quando se diz que dois bichos não se beijam. O fato é que a Igreja na sua política de relações com o Estado, está sempre com um pé cá e outro lá. Aqui é fascista e acolá é "democrática" e "liberal", conforme as suas conveniências. No fundo ela é, mesmo como religião, totalitária. E é por isso que eu disse que dois bichos não se beijam. Enfim, para a Igreja as coisas ainda vão muito bem, apesar de todos os pesares. Parece, entretanto, que ela se sente mal com o bem que tem.

O. S.

"O Libertário" na Televisão

Não sabemos por que cargas d'água o fogoso e irrequieto governador do Rio Grande do Sul, sr. Leonel Brizola, andou em seus pronunciamentos políticos-demagógicos se afirmando *libertário*, num evidente equívoco e desconhecimento da significação do termo.

O fato foi suficiente para que o decantado líder udenista da maioria, na Guanabara, sr. Amaral Neto, viesse ante as câmaras da TV RIO, horrorizado, afirmar que *libertário* era sinônimo de *anarquista*, (no que evidentemente estava certo) e que como prova irrefutável, apresentava ante os telespectadores o jornal "O Libertário", este órgão de propaganda anarquista no Brasil, e concluía finalmente, que o sr. Brizola era adepto do anarquismo, o que evidentemente é uma levianidade, para não dizermos outra coisa...

Dias após, o sr. Paulo Francis, cronista do jornal "Última Hora", comentando o fato escreveu: "Amaral afirma que todo dicionário define *libertário* como *anarquista*. Sem olhar o dicionário, tenho a certeza de que o nobre deputado deve estar com manchas nas unhas."

(Fêz muito mal o cronista Francis em não consultar os dicionários, pois teria tido uma excelente oportunidade para não dizer bobagens a seus leitores!) "e de que nunca crescerá para ser *George Washington*" (isto é lá com as possibilidades cromosômicas do sr. Amaral). E conclui doutoralmente: "Todas as doenças são curáveis, a única incurável é a *burrice*." (Donde se poderia concluir que o sr. Francis se coloca na situação de seu criticado...)

Ao sr. Brizola solicitamos que deixe de bancar aquela ave verde-amarela que figura no anuário brasileiro...

não misture o Movimento Libertário com a política; ao cronista Francis que não desvirtue sua atividade profissional. (É por isto que o marxismo está desmoralizado no Brasil!) Ao sr. Amaral Neto registramos a propaganda e promoção gratuita que fez de nosso jornal, aumentando, de modo notável sua procura, agradecimento extensivo ao advogado do sr. Santos Vahlis que se abalou vir a TV provar que o anarquismo nada tem de bicho-papão e é apenas o ramo legítimo do socialismo.

Aos quatro gladiadores tomamos a liberdade de ensinar a origem do termo *libertário*, conforme explica a revista CENIT, da França, n.º 99, março de 1959:

"O pai da palavra *libertário*, que é um neologismo, foi Sebastian Faure, valoroso anarquista francês nascido em 1858, em Saint Etienne, e falecido a 14 de julho de 1942, autor da importante "Enciclopedia Anarquista", obra em 6 tomos etc., nos princípios do século, quando a propaganda anarquista sofreu forte perseguição policial, a palavra anarquismo dificultava a circulação das publicações ácratas, não obstante, não há diferença alguma entre *libertário* e *anarquista*."

A Religião é o processo de subjugar o povo fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do Universo, castigador dos maus, premiado dos bons. — JOSÉ OITICICA.

"Do Meu Diário"

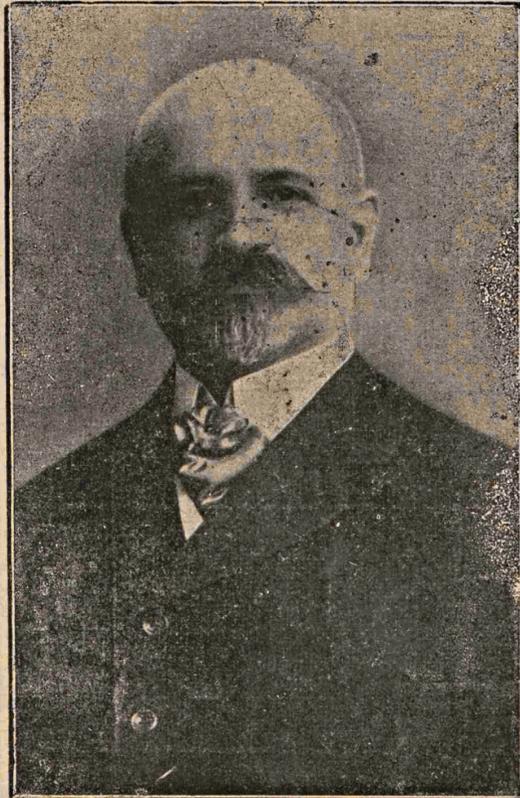
13 DE OUTUBRO — Data triste, data infeliz! Nefasta como a de Cremera para o velho romano angustiado. Lembra o mais antipático dos vestígios medievais: o castigo do pensamento por delito de opinião; o assassinato de Ferrer: a réplica da força ao raciocínio.

Valham-nos, contra essas bárbaras superstições, a confiança na ciência e a persistência na esperança. Logico em seu decurso, o dia de amanhã há de inequivocamente fornecer à civilização a intrépida, desejada e robusta fórmula da felicidade e do progresso — consciência livre na humanidade livre.

Santos — 1910.

MARTIM FRANCISCO

NOTA — Este valioso trabalho do ilustre membro da histórica família dos Andrades foi escrito especialmente para o número especial de "A Lanterna", dirigida por Edgard Leuenroth, número esse publicado por ocasião da passagem do primeiro aniversário do assassinato de Ferrer.



FRANCISCO FERRER Y GUARDIA — fuzilado — em 9 de outubro de 1909, no castelo de Montjuich, em Barcelona — pelo conluio clerico-militarista-fascista ao serviço do capitalismo da Espanha.

A Morte de Francisco Ferrer

Há 53 anos, varado pelas balas assassinas do reacionarismo espanhol daquela época, tombava, fuzilado de encontro aos muros do castelo de Montjuich, o fundador da Escola Moderna: — Francisco Ferrer y Guardia.

Relembrar esse fato histórico e social, não é simples obrigação dos homens livres de todo mundo, mas um dever que se impõe à mentalidade revolucionária de todos aqueles que lutam para que a liberdade não se empocalhe na boca dos tiranos.

SCUZA PASSOS

Francisco Ferrer não era apenas o educador genial que fundou a Escola Moderna, o extraordinário professor da dignidade humana: era, sobretudo, o anarquista consciente e culto, o homem que afrontou, ciente do seu papel histórico nos destinos da humanidade, a ira do jesuitismo, numa época em que a Espanha era dominada pelo clero embrutecedor e reacionário, cujas sotaínas eram beijadas pelos reis e a quem os ministros pediam a bênção aviltante da submissão. Era o criador de uma nova forma de ensino em que a responsabilidade substitua o medo, a covardia era trocada pela dignidade, e o ferrolho do ultramontanismo pela liberdade de pensamento. Era o fundador de um sistema de educação em que o amor e a solidariedade substituíam a vaidade e a hipocrisia; o plasmador de um mundo novo, livre e feliz, onde não mais haveria faces escavei-

radas pela miséria, nem rostos beatos saindo das sacristias com a consciência inebriada pelo ódio ou enaltecida pelo misticismo doentio da fantasmagoria litúrgica.

Francisco Ferrer era o construtor de uma nova sociedade através da escola racionalista: o idealizador da verdade em busca de um caminho para a redenção; o filósofo a pesquisar teoremas e a confrontar, pelo livre exame, a maneira racional de viver para todos os seres humanos à procura da felicidade!

A escola moderna não era simplesmente a designação de uma escola: era uma rede de escolas, ligadas pelos mesmos princípios, orientadas pelos métodos racionais do ensino laico, onde se ensinava a viver e não a morrer estiolado pelas mentiras convencionais do catecismo e pelas revelações históricas da liturgia embasadora das religiões. E as atividades de Francisco Ferrer se extravasavam para a casa editora, de onde saíam as melhores obras do pensamento libertador de todo mundo e es mais aperfeiçoados livros didáticos destinados à sementeira de idéias sãs para servirem à difusão do ensino racionalista.

Entre as obras de grande vulto saídas da sua casa editora, há uma que constitui um monumento: — "El Hombre y la Tierra", de Elisée Reclus, publicada em fascículos para que a sua aquisição estivesse ao alcance das classes trabalhadoras.

E ainda lhe sobrava tempo para se dedicar, com amor e carinho, à publicação da revista "Escola Renovada", para cujo fim se fundou a Liga Internacional para a Educação Racional da Infância. Ele era incansável no trabalho fecundo da sua obra, que visava o mundo transformado pela verdade em um amplo cenário de vida livre, onde imperasse a justiça e a fraternidade, onde os homens, as mulheres e as crianças, com as consciências abertas pelo conhecimento, sentindo em volta de si um ambiente de liberdade e amor, poderiam sentir a alegria de viver!

Filho de lavradores, nascido em Abella, na província de Barcelona, em

(Conclui na 3.ª pág.)

RELEMBRANDO UM CRIME SOCIAL

FERRER!

Que mal fez aquela alma iluminada e sã?
— Cavaleiro do Livre Pensamento,
era um filho da Humanidade Eleita,
era um dos semeadores da colheita
de amanhã!

Ao disparo homicida
dos mosqueteiros espanhóis,
estampou-se, por todo o calabouço,
uma indeterminada, indefinida,
reticência de sóis...

Homem livre e homem puro,
inda me ecoam n'alma e julgo que inda as ouço,
as descargas das regias carabinas
que pontuaram, à luz das horas matutinas,
a Marselhesa do Futuro!

HERMES FONTES



COMEMORAÇÃO DE FERRER NO "PARAISO"

No dia 13 de outubro de 1933, acham-se, na cela n.º 8 do presídio do Paraíso, vinte e cinco presos sociais. Embora divergentes nos princípios e métodos de luta, pois ali estavam anarquistas, trotsquistas e bolchevistas, resolveram comemorar conjuntamente a data de 13 de outubro, passagem do 23.º aniversário da morte de Ferrer.

O companheiro Herminio Marcos abriu a sessão com um discurso substancial e eloquente. Estudou a personalidade de Ferrer como homem de ação, como educador, e como anarquista. Disse das lutas travadas pelo povo contra a guerra de Marrocos, da explosão popular contra o massacre de rifenhos e de espanhóis em holocausto aos plutocratas bourbonicos e aos parasitas da nobreza espanhola, até coarçar-se com sangue generoso nos dias da Semana Sangrenta de Barcelona, que terminou com a tragédia de Montjuich, onde cinco camaradas foram fuzilados pelas forças reacionárias triunfantes, contra a opinião unanime do povo livre de todo o mundo.

Quando esse companheiro discursava, notou-se que através dos cinquenta centímetros de grade, no corredor, se havia aglomerado toda a população livre do presídio: funcionários, escrivães, cozinheiros, ajudantes e soldados da guarnição estavam atentos, uns, disfarçadamente, outros, rodeando a cela transformada em salão de conferências.

Acabou-se a sessão com as notas vibrantes de "A Internacional" e com o hino "Filhos do Povo", entoados por todos os presentes e com o aplauso geral de todos os recantos da prisão.

13 de Outubro

É hoje 13 de outubro, data aniversária do crime praticado contra Francisco Ferrer y Guardia, o evangelizador do ensino racionalista que, a despeito das luzes do século XX e dos protestos das consciências livres, pereceu inexoravelmente na bastilha de Montjuich, vítima dos golpes desferidos pela calúnia e pelo odio dos elementos clerico-monárquicos da Espanha, que, a par de belos capítulos na sua história dos descobrimentos marítimos que vieram alargar os horizontes humanos, possui também, para sua eterna vergonha, páginas de luto e dor, escritas com o sangue de tantas vítimas imoladas à causa da liberdade e da justiça.

JOÃO PENTEADO

Ferrer, tendo enfrentado a hidra ultramontana em seus antros de obscurantismo e de ignomínia, tendo pôsto a nu todas as suas patifarias e embustes com o facho da razão e da verdade, não podia fugir ao trágico fim que têm todos os grandes espíritos que se têm insurgido contra o exército negro do jesuitismo parasitário e sanguinolento.

Sabia bem a quanto perigo estava exposto ao iniciar a sua obra de educação racionalista e de saneamento moral naquele país onde o ensino se achava monopolizado pelo clero, e o povo, na maior parte, não sabia senão rezar e ir à igreja. Era enérgico e tinha a plena convicção de que o seu trabalho devia trazer fecundos resultados em benefício do povo, e isso, para ele, não deixava de ser um grande consolo.

A ESCOLA MODERNA

A iniciativa da Escola Moderna foi coroada com o mais esplêndido êxito tendo conseguido a instalação de várias filiais e desenvolvido o seu trabalho de publicações, que encheram o país de livros excelentes, trazendo todos uma feição material belíssima, com encadernação artística, de capa vermelha, que era o símbolo da revolução que a sua leitura deveria operar no espírito do povo.

E a essa obra gigantesca dedicaram-se, com o mesmo entusiasmo, espíritos de escol como Odon de Buen, Martínez Vargas e outros, todos grandes gênios que na Espanha se interessavam pela propaganda do livre-pensamento e tinham as vistas voltadas para a causa de instrução da infância pelos métodos modernos.

Barcelona e Valência tiveram logo muitas escolas racionalistas; e depois, outras foram criadas em São Felix e Guipol (Catalunha) e em Madrid se formara o Centro de Ensino Livre com a denominação de Sociedade dos Amigos do Progresso.

A luz derramada deste benéfico sol da Escola Moderna fazia ressurgir o povo da Espanha para a alegria e para a vida, dando-lhe já a feição de quem sabe o que quer e o que pensa.

Entretanto, nas profundezas tenebrosas dos seus antros, os tigres e os chacais da escola de Loyola e Torquemada tremiam de raiva e afiavam as unhas à espera do momento em que pudessem lançar-se contra o ousado livre-pensador cuja propaganda emancipadora se desenvolvia tão rapidamente como a luz e cuja influência tinha a virtude de destruir todas as superstições e todos os preconceitos políticos e religiosos dos filhos do povo.

A Escola Moderna era um pesadêlo para os elementos de retrogradação social, por que com a luz da razão e da verdade fazia desaparecer as trevas das consciências proletrias, dando-lhes uma orientação afetiva pelos sentimentos da liberdade e de justiça.

NO PRESIDIO DE MONTJUICH

Eis o epílogo de toda uma série de atos de abnegação e sacrificio pela causa da redenção humana. O apóstolo do bem e da justiça tinha os seus dias contados e chegara o momento em que era mister pagar com a vida o preço da temerária e irredutível coragem de pretender pregar o evangelho da verdade em um país sob a nefasta influência do elemento clerical. A sua obra de propaganda era uma constante ameaça para o domínio do despotismo e para o prestígio da religião, cujas nefastas influências não somente prejudicaram ao povo através dos séculos.

E assim, a despeito dos esforços realizados pelo advogado encarregado de sua defesa e dos protestos internacionalmente levantados contra a terrível ameaça de morte que pesava sobre a cabeça de Francisco Ferrer e as de seus companheiros presos, ao amanhecer do dia 13 de outubro, de 1909, se consumara o desejo sanguinoso das hidras do ultramontanismo que, afinal, aliando-se com a tirania do Estado, tiveram o prazer satânico e terrível de ver tombar sobre as lages da sinistra fortaleza de Montjuich o corpo daquele grande apóstolo da causa do bem e da justiça!

Mas não se lembram das palavras do poeta que diz:

Quem na luta cai com glória,
Tomba nos braços da história.

E o nome de Ferrer, assim, depois das cenas trágicas de Montjuich, tornou-se como um sol, cuja luz benéfica faz lembrar a todos os homens de coração o dever de educar o povo e trabalhar para a causa da redenção da humanidade.

A MISSÃO DA ESCOLA

Se atravessamos um período de transformações radicais; se a história se repete, ainda uma vez, como sempre, para a conquista de novas civilizações, para cogitações mais amplas; se o furacão da revolução social, inevitável, amontoa nuvens negras sobre os céus das nações e por sobre os corações dos povos; se aumenta dia a dia o número dos descontentes; se toda a gente sensível sofre a angustia da miséria, da ignorância e da divergência de castas separadas pelo dinheiro; se se planejam acontecimentos vastos e únicos na história do mundo — a vitória está contida nos impulsos dos percursorés, nos ímpetos que ora acatam a humanidade inteira e no limiar da escola. Alargar as concepções da elite, multiplicar os pensamentos de amor a todos os seres, fazer vicejar nos corações dos moços a idéia do sacrificio em prol de outra humanidade quicá maior — é missão de luz confiada a toda a gente capaz de ver na vida alguma coisa mais do que os impulsos do instinto. Essa é a mensagem da educação moderna, liberal, racional.

Prof. Maria Lacerda de Moura

Racionalismo Humanista

FRANCISCO FERRER Y Guardia

Quando tivemos o incomparável prazer de abrir a Escola Moderna de Barcelona, fizemos ressaltar muito que o sistema de ensino seria racional e científico. Primeiro que tudo desejávamos advertir ao público que, sendo a razão e a ciência antídotos de todos os dogmas, na nossa escola não se ensinaria religião alguma.

Sabíamos que esta declaração provocaria o odio da casta sacerdotal e que nos veríamos combatidos com todas as armas que costumam empregar essas pessoas que só vivem de enganos e hipocrisias, e tanto sabem abusar da influência que lhes dá a ignorância dos seus fiéis e o poder dos governos. Mas quanto mais se nos falava de temeridade a que nos expunhamos, pondo-nos tão francamente em frente da igreja imerante, mais alento sentíamos para perseverar em nossos propósitos, convencidos de que quanto maior é um mal e quanto maior é uma tirania, mais vigor se há de empregar para a combater e mais energia se há de gastar para a destruir.

O clamor geral elevado pela imprensa clerical contra a Escola Moderna, ao qual já devemos um ano de cárcere, prova-nos que acertamos na escolha do método de ensino e nos há de dar a todos os racionalistas novos alentos para prosseguir a obra com mais ardor que nunca e engrandecê-la, propagando-a até onde o nosso poder alcance.

É necessário advertir, entretanto que a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desaparecer dos cérebros o preconceito religioso, porque, se bem que este seja um dos que mais se opõem à emancipação intelectual dos indivíduos, não conseguiríamos só com isso a preparação da humanidade livre e feliz, pois é possível conceber um povo sem religião e também sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual existe; se os operários fulgassem com certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir conhecimentos sobre a higiene, sobre as

ciências naturais e preparasse somente bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados, e bons trabalhadores de todos ofícios, poderíamos muito bem viver entre ateus mais ou menos sãos e robustos, segundo os escassos alimentos que lhes pudessem permitir os míseros salários, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital.

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo sobre o ponto de vista político, econômico e filosófico e para isso adopta o racionalismo humanitário que consiste em incutir na infância o amor ao estudo, o desenvolvimento das faculdades de observação e o desejo de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, com o seu conhecimento, possa combatê-las e opôr-se a elas.

O racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sejam internas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a religião em que se tem muitas vezes e combate todos os inimigos da harmonia humana: a ignorância, a maldade, a soberbia e outros vícios e defeitos que têm dividido os homens em tiranos e escravos, em opulentos e miseráveis.

O ensino racionalista e científico da Escola Moderna atrangy, como se vê, o estudo de tudo que seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, mediante um regime de paz, amor e bem estar para todos, sem distinção de classes nem de sexos, nem de raças nem de cores.

FERRER: Lição Viva da História

JOSÉ OITICICA

O assassinio de Ferrer é uma lição de história viva. Contemplamos, no cenário da terra, a inevitável transição da humanidade sofredora para a humanidade redimida. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano de toda a luta contra a natureza; porque se até agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, doravante anseia por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligência.

A tragédia de Montjuich expõe o fenômeno à luz meridiana, frisa de cambiantes tão intensas que a mais toldada das visões nela enxerga as perspectivas fôdas do problema da emancipação.

Ferrer é o símbolo. Sua vida um prenuncio. Sua morte uma definição.

Recordando-as vemos a humanidade velha, encarquilhada e tropega amortilhada nos preceitos, chumbada ao regime de casta, onde se consagra a dualidade de explorados e exploradores; padres, legistas, patrões, juizes de um lado e do outro a desherdada classe dos famintos, proletários sem direitos, triturados no trabalho, sufocados na ignorância e empedernidos na crençidice e no crime.

Meditando-se, porém, vemos guardada pela ação restauradora da Escola Moderna, a nova humanidade porvindoura, alindada por si mesma, pelo esforço da cultura intelectual em que se a razão eleva, se enobrece o entendimento, e o mundo se revela como existe: energia em transformação na perpetuidade da substancia indecomponível. E essas duas humanidades se defrontam no suplicio de Ferrer.

O que nele há de belo não é sobretudo a heroicidade do seu fim, à degladição dos ideais humanos com a certeza da vitória da razão sobre a fé, da liberdade sobre a escravidão.

Ferrer gritando ao morrer: — VIVA A ESCOLA MODERNA! é o triunfo das gerações cevadas com a seiva libertária, batizadas para sempre com o sangue do mártir, cubiçosas de paz, de amor, dessa entresonhada concordia, prometida pelos sonhadores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte: reis, capitalistas, papas e marechais.

Ferrer compreendeu a ineficácia das leis e do govêrno nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o logro perpétuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleitor e submisso.

Afinou com a mola principal, mercê da qual os homens de cima exploram descansadamente o labor dos homens de baixo. Essa mola é a IGNORANCIA.

A escravidão dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravização da inteligência se efetua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste no infiltramento de preconceitos e regras e tendências tôdas a firmar no ânimo das turbas e obediência passiva aos mandôes.

Exige a igreja o respeito aos dogmas; exige o Estado o respeito às leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuizo dos dirigidos: trabalhadores e crentes.

Como resolver, portanto, o grande problema? Destruindo os preconceitos, aclarando a inteligência da multidão obscurificada, apontando-lhe os erros, os desatinos, as imoralidades das doutrinas que lhes dão, substituindo-as pela verdade científica assentada exclusivamente na razão observadora.

A missão da Escola Moderna é esta: esfoinhar o cerebro do povo, elevar, como disse Ferrer, o nível da mentalidade humana, pela disseminação dos conhecimentos bons, lanindo de vez a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se aterrorizam hoje as consciências para dominá-las.

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de odio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozear de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada representa o homem futuro, o Hercules que nasce, reteza os musculos, que investe afoitamente contra a hidra autoridade.

Nós completamos do nosso posto de combate, do cantinho onde metralhamos também as forças da rotina, o desenrolar do grande drama.

Na sucessão intererrantissima dos quadros, esse da morte de Ferrer não elucida o entreccho com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deslumbrante do racionalismo libertário.

A EDUCAÇÃO RACIONAL

É na educação racional que está a única solução para a felicidade humana.

A educação é a forma onde se amolda o homem. Nós, se já possuímos um certo número de idéias liberais, si, por vèzes, nos consideramos meio-libertos, é que já somos filhos do ensino leigo. Completemos, porém, a obra. Transmitamos aos nossos filhos a escola que nossos pais nos deram, mas tiremos-lhe o cunho atual em desacôrdo com a época. Demos o aspecto liberal, vigoroso, imponente do racionalismo. Que o educador não seja mais a autoridade violenta, ministrando o saber pela imposição. Digamos antes com Eslander: "deixe o educador à natureza a direção do desenvolvimento da criança, e que o seu saber sirva somente para compreender, prevêr, oferecer e secundar." Compreender o sentido do desejo da criança, prever suas necessidades, oferecer matéria à sua atividade, secundar seus esforços!

Tais são os objetivos do ensino racionalista — o único capaz de dar à raça humana toda a sua pujança, toda a sua grandezza!

DR. MAURICIO DE MEDEIROS

Questão Social Realidade Trágica

No Brasil não existe a questão social!... É, certamente, uma afirmação absurda que hoje não é já ouvida com tanta frequência, mas que constituía a base do critério dos dirigentes das chamadas "classes produtoras" e de governantes do País no período inicial da República até, mais acentuadamente, 1930, quando as lutas proletárias se desenvolviam na base da ação direta, sob a influência dos militantes anarquistas.

Mais chocante ainda era a afirmação partida de governantes de que a questão social no Brasil era um problema de polícia e que transformavam

esse critério em sistemática reação contra os trabalhadores.

Havia, entretanto, mentalidades esclarecidas que examinavam o problema com mais acerto.

Como exemplo dessa atitude esclarecedora, inclui-se aqui o pronunciamento de Medeiros e Albuquerque, intelectual e homem público de grande destaque na vida brasileira e que sintetizou seu juízo na frase que serve de título para a reprodução deste pronunciamento publicado há vários anos.

"A priori, sem entrar em minúcias de legislação, logo se vê que o Brasil não pode deixar de ter uma questão social. O que se chama com esse nome é um resultado das reclamações das classes proletárias contra as classes dirigentes. Ora, nossa sociedade está constituída no mesmo plano da vida das grandes nações da Europa. Todo o esforço que fazemos é exatamente para lhes copiarmos essa organização, sobretudo na parte industrial.

Vê-se bem, portanto, nestas condições, que nós não podemos escapar aqui às mesmas consequências que essa organização tem tido em todas as outras nações. Mesmo sem estudar em que consiste e como pode ser resolvida a questão social, é absurdo negar-lhe a existência.

O que se pode dizer é que ela, aqui, por ora, não tem ainda a acuidade que se lhe nota em outros lugares. Isso depende, porém, unicamente de nossa situação de inferioridade industrial. Se a nossa indústria tivesse a importância da européia ou norte-americana, a questão social estaria aqui tão agitada com a de outros países.

Pode-se mesmo garantir que estaria muito mais, porque, nesses outros países já se fizeram esforços sérios para a sua solução, ao passo que os esforços feitos entre nós têm sido mesquinhos e mal aplicados.

A questão social é uma realidade trágica, à qual nós não podemos escapar. Melhor é que a resolvamos com antecedência, para prevenir os excessos que se estão dando em outros lugares... Negar-lhe a existência é ato bem pouco inteligente."

NOSSO CORREIO

na impossibilidade de responder imediatamente às cartas recebidas, e como muitas são portadoras de importâncias destinadas ao "O Libertário", continuamos a acusar o recebimento por esta seção. Sempre que dispomos de tempo, entretanto, respondemos por via postal a todas as cartas recebidas.

EREBANGO — (R. G. S.) — E. L. — Recebemos sua cartinha e providenciaremos a remessa dos números que lhe faltam. O seu nome já consta de nosso fichário para expedição do jornal. Já deve ter recebido os números 9 e 10. Gratos.

HAVANA — Cuba — ALGUÉM — Compreendemos as razões da carta que nos foi enviada. Providenciaremos, conforme os dizeres da mesma, e passaremos a remeter o jornal ao endereço e nome indicados. Saúde!

PORTO ALEGRE — (RGS) — R. FERNANDES — Sua carta de 16 de agosto foi recebida, o que nos causou grande satisfação, pois nela vimos que há muita coisa a fazer ainda no sentido da propaganda. Todos os apontamentos de sua carta foram aproveitados e corrigidos os endereços. O livro de Gustav Landauer vai-lhe ser remetido. Aguardamos os novos endereços prometidos. Saudações.

BENTO RIBEIRO — Rio — GB) — A. SOARES — Foi recebida a importância de 500 cruzeiros que nos mandou para o jornal. Aguarde carta nossa. Saúde!

SALVADOR (Bahia) — E. SANTOS — Tivemos a satisfação de res-

Considerações Libertárias

A. E. LIZENKO

Nossa grande luta tem que ser travada já e agora, no sentido de fazer-se compreender a tática, os meios, os processos libertários de luta humano-social, tais como o conhecimento detalhado de uma estrutura socialista universal libertária, exatamente oposta àquela estrutura capitalista universal estatal, bem como o conhecimento detalhado dos princípios básicos, gerais ou universais dessa mesma estrutura socialista libertária (a Anarquia), e, por consequência, também de sua antítese, da estrutura capitalista universal estatal (o Estado).

Se queremos combater o Estado, temos que conhecê-lo profunda e minuciosamente. E, se conhecermos profunda e minuciosamente o Estado, consequentemente conheceremos profunda e minuciosamente a Anarquia. Um é exatamente o oposto do outro, o contrário do outro: não na sua estrutura somática propriamente dita, mas sim nos seus princípios gerais ou universais, que dominam, animam e percorrem as diferentes camadas dessas mesmas estruturas e seus respectivos tecidos e células.

É no espírito humano preliminarmente, sem a menor sombra de dúvida, que se travam as grandes batalhas da humanidade, em geral, e do homem, em particular. É preliminarmente no espírito humano que se tomam as mais graves decisões da nossa história, antes mesmo de serem postas em prática. O pensamento deve preceder sempre a ação.

Inicialmente, é preciso que o espírito humano, a mente do homem esteja clara, lógica e tranqüila, para que o homem possa caminhar firmemente numa direção espiritual, numa direção mental, atitude esta subjetiva que, instintivamente, se transforma em objetividade, em realidade dentro da vida de relação, no meio social em que vivemos.

Ora, se esta mente humana for socialista libertária, ela tende a fazer automaticamente com que o homem aja libertariamente no seio da família (a natural, não a jurídica) e da sociedade. Por isso, as religiões têm grande influência na vida humana e social. É por essa razão que volto a reafirmar que a nossa grande luta tem que ser travada preliminarmente dentro de nós mesmos (dentro da alma de cada libertário ibero-americano, dentro das nossas organizações, das nossas agrupações, das nossas publicações, etc.

A hora é decisiva. Se a hora é decisiva, a oportunidade é de ouro para os libertários. Se soubermos aproveitá-la, poderemos vencer.

ponder à sua carta de 9-7-62 por via postal. Entretanto, (na hipótese de que não chegue a recebê-la, acusamos por este meio também o recebimento da mesma. O amigo é infatigável. Tem feito grande obra pacifista e se desdobra numa atividade. Escreva algo para o jornal, sobre o pacifismo.

JACAREI — (São Paulo) — HENR. SO. — Suas cartas de 17 e 22 de agosto foram recebidas, bem como as importâncias. Já mandamos os livros e folhetos pedidos. Escreva sempre, pois nos é grato receber notícias suas.

MONTENEBRO (RGS) — I. CARN. — Recebemos sua carta com o pedido de assinatura. Seu nome foi incluído na lista de expedição. O pagamento pode ser feito em Vale Postal, endereçado ao Diretor, para a Caixa Postal 5739 — São Paulo.

Nossa Estante

Encarregamo-nos da aquisição dos seguintes livros gozando de uma comissão em benefício da propaganda libertária. Podem ser pedidos para a Caixa Postal, 5739 — São Paulo.

- "A Solução Anarquista para a Questão Social" — Errico Malatesta 40,00
- "Uma Mulher Diferente" — Pedro Catallo 50,00
- "O Coração é um Labirinto" — Pedro Catallo 50,00
- "Deus Existe? Eis a Questão" — Sebastian Faure .. 10,00
- "As Idéias Absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker 100,00
- "Curso de Literatura" — José Oiticica 300,00
- "Incitación al Socialismo" — Gustav Landauer 300,00
- "A Fome em Portugal" — Edgar Rodrigues e Roberto das Neves 300,00
- "Portugal Oprimido" — Cap. Fernando Queiroga. . . 300,00
- "Na Inquisição de Salazar" — Luiz Portela e Edgar Rodrigues 300,00
- "Novo Israel" — Agostinho Souchy 500,00
- "O Retrato de Portugal" — Edgar Rodrigues 380,00

A Religião da Violência

I

Vivemos numa época em que a violência triunfa. Que dizer? A etimologia da palavra explica: — violação, violar, violento, violentar, violência — tôdas estas palavras não indicam senão abusos da força e infração daquilo que é são, justo e puro. Estes vocábulos poderiam ser melhor traduzidos por usurpar, infringir, sujeitar, oprimir, etc.. Os análogos vocábulos em outros idiomas se aplicam à conduta dos homens fortes e brutais que se impõem duramente e que gostam de reinar, dominar e cujo poder se exerce de tal modo que são lesados os direitos daqueles que se submetem às suas leis. Em inglês, fala-se de "violence"; em italiano, de "violenza". Trata-se por tôda parte de atentado a valores humanos e civilizadores, que deveriam impor o maior respeito.

Em nossos dias, para qualquer lado em que se lance o olhar, por tda parte a violência campeia. Nunca os Napoleões, os Bismarcks terão tão boa escola como hoje. E é sempre a mesma coisa: — "O homem é soldado! O direito, a força primeira! A ferro e a sangue!"

Na vida internacional, a violência aumenta dia a dia seu poder. Mesmo os resultados mais sublimes das ciências lhe estão imediatamente submissos: — apenas os sábios tiveram êxito, elevando-se até à estratosfera, já que sua ciência é colocada ao serviço da técnica homicida.

Esta mentalidade não é apanágio dos países sob regimes ditatoriais. Nesses últimos tempos, a encontramos até mesmo na França. Lê-se, na publicação "Mercur de France", o seguinte: — "A moda — além de outras necessidades contemporâneas — pertence às personalidades fortes." Mal se houveram idealistas e pacifistas do século dezoito!... Sejamos realistas e observemos o que se nos apresenta. O Estado, pesadamente armado, é a personificação da mais alta autoridade política, social e moral. Sejamos céticos quanto à bondade essencial do animal humano... Que a política tome como ponto de partida os mais obscuros instintos. — o orgulho, a cupidiez, o gosto pela dominação!... A religião cristã não pode ser admitida, senão na proporção em que se nos apresenta. A autoridade terrestre pela sugestão de uma autoridade divina; é inaceitável; quando se opõe a isso. A liberdade de consciência e de convicção não podem ser concedida ao indivíduo, senão na proporção em que o "interesse geral", representado pelo Estado, o autorize. As relações interiores e exteriores de uma nação não se assentam, em última análise, senão na violência. Esta é a realidade atual. "Todos os profetas armados triunfaram e os desarmados sucumbiram", no capítulo sexto de "O PRINCÍPE". Mussolini, o profeta do fascismo, do mesmo modo que Stalin, o profeta do bolchevismo, basearam sua autoridade na violência. Era indiferente se ou não ser justo, ser ou não ser moral.

A guerra mundial de 1914 demonstrou que "a imensa carnificina onde, segundo sonho de Esale, os leões e as ovelhas, os lobos e os carneiros coabitariam voluntariamente", não é senão ficção, desprovida de qualquer senso. Só existe a guerra para permitir ao homem manifestar suas mais sublimes forças." (1)

(1) G. PEYTAVI DE FAUGERES — La modernité de Machiavel, "Mercur de France", 15 de outubro de 1932, páginas 513 a 537.

B. DE-LIGT

Administração de "O Libertário"

Nesta seção continuamos a publicar as contribuições que são entregues ou enviadas para "O LIBERTÁRIO". Como não temos publicidade paga, o jornal vive dessas contribuições ou das assinaturas, a venda avulsa dá prejuízo. As despesas de "O LIBERTÁRIO" são as de tipografia e expedição, como devem ter verificado os leitores desta seção. Os trabalhos de redação e administração são feitos voluntária e graciosamente por aqueles que estão ligados ao movimento libertário, sacrificando suas horas de descanso fora do trabalho cotidiano para o ganha-pão.

Insistimos neste esclarecimento para que os leitores e companheiros que mandam as suas contribuições saibam como são gastas as importâncias que nos mandam. Insistimos também sobre isto: as pessoas que tenham mandado ou entreguem quaisquer contribuições, qualquer que seja a importância, deve procurar aqui o seu nome. Se não o encontrar, deve escrever-nos assinalando esse fato para que seja qualquer falha nesse sentido corrigida.

CONTRIBUIÇÕES E DIVERSOS PARA O NÚMERO 12

SÃO PAULO - Francisco Or., 7.500,00 - Oswaldo Sal., 3.800,00 - Cecilio, José Panz., Catallo, Guimerindo, Eurico, 1.000,00 cruzeiros cada - Emílio Tes., Cilenco, Antonio Pa., João Ro., 500,00 cada - Antonio Mar., 300,00 - Manolo, Virgilio, Pascoal, 200,00 cada - Antonio Go., Antonio Nu., Antonio Fo., Juan V., José Di., 100,00 cada - Sisto, 600,00 - Edgard, 450,00 - Tiburcio, 80,00 - Poeta Nordeste e Franco Ver., 50,00, cada - Paula, 40,00 - Miguel C., 20,00 - Avulso, 40,00 - Antonio Nu., 100,00.

TOTAL 21.000,00
RIO DE JANEIRO - coleta enviada por companheiros do Rio 4.300,00
NITEROI - (Rio) - Angelina e Amlicar, 500,00, cada - TOTAL 1.000,00

CAMPINAS - (São Paulo) - A. Pes. 400,00
JACAREI - (São Paulo) Henrique S. 250,00
PORTO ALEGRE - (RGS) - Rafael Fe. 150,00
ERETANGO - (RGS) - Elias 200,00

DIVERSOS - Venda de livros, 1.220,00 - Assinatura, 200,00 - Saldo do pliquenique de 15-6-62, 26.000,00 - TOTAL 27.420,00

TOTAL GERAL 55.750,00

DESPESAS
Impressão do N.º 11 .. 19.800,00
Selos para expedição.. 1.200,00
Clichê 450,00
TOTAL 21.400,00

CONFRONTO
Contribuições e Diversos 55.750,00
Saldo do Número anterior 3.455,00

TOTAL 59.205,00
S A L D O 37.755,00

CURSO DE ESPERANTO

Continuam a realizar-se tôdas as terças e quintas-feiras as aulas de Esperanto no salão do Centro de Cultura Social, com uma assistência de alunos que foi além das perspectivas de seus iniciadores.

Essas aulas são proporcionadas a todos os que se inscreveram para o curso de 5 meses, pelo professor Moyses Garcia Filho, que tem sabido conquistar as simpatias de seus alunos pela forma familiar que dá às suas lições, provocando o pronunciamento dos ouvintes de maneira a se interessarem pelo assunto.

Com aquela camaradagem que sabem ter os professores modernos, profundamente atento às reações psicológicas dos alunos, o professor Moyses Garcia Filho sabe o que quer e como ensinar. As aulas têm início às 8 horas, no salão da rua Rubino de Oliveira, 85.

A liberdade de cada um, consagrada como garantia concreta do direito universal, não pode ser senão o resultado de uma federação livre de tôdas as soberanias. — PEDRO GORI.

FESTIVAL DA PRIMAVERA

A Primavera apresentou-se-nos, este ano, de carranca fechada, (como que refletindo a situação nada alegre do povo): sem sol, com chuva e com frio.

E isso prejudicou a já tradicional Festa da Primavera, que todos os anos é realizada em São Paulo, em Nossa Chácara, sendo, por isso, adiada para o dia 21 do corrente, no mesmo local. Não obstante o mau tempo, não foram poucas as famílias que lá correram, divertindo-se em animada reunião no espaçoso salão da sede.

Esperamos que em 21 deste mês tenhamos um dia com o esplendor primaveril, para que o Festival da Primavera corresponda plenamente ao seu nome.

Os anarquistas mantêm bem alto o princípio do indivíduo livre, pois que a tendência a recair nos erros do passado, mesmo entre os revolucionários ditos avançados, é bastante característica. — PEDRO KROPOTKIN.

"Sob o título de "Ateísmo primário" — dizem os jornais — o órgão oficial do Vaticano, "L'Osservatore Romano" (que no osserva nulla), comenta hoje o caráter puéril e grosseiro das declarações feitas pelos astronautas soviéticos Popovich e Nicolayev, que, em resposta à pergunta de uma velha, disseram não ter encontrado Deus durante seu vôo, pois "o Deus em que as pessoas acreditam anda a uma velocidade muito reduzida".

O jornal observa que tais palavras demonstram três coisas: primeiro que, apesar de quase cinquenta anos de propaganda anti-religiosa, o sentimento religioso é ainda tão forte no povo da URSS, que não se hesita em empregar contra ele recursos torpes e grosseiros de luta; segundo que a base filosófica do ateísmo materialista (haverá algum outro ateísmo que não seja materialista?) do Estado soviético é tão primitiva que não se envergonha de exprimir idéias de analfabetos sobre a realidade santa de Deus; terceiro que não compreenderam os astronautas o sentido da vitória espacial levada a todos os povos, que oferecia à humanidade um ponto de coincidência, acima de qualquer conflito ideológico".

Orá, aí está um método (que, aliás, não me é estranho) de argumentar ou raciocinar às avessas — se raciocinar se deve ou pode dizer.

Em tese, o ateísmo, em si, é a consequência lógica da concepção científica, em oposição à teológica, do universo. A concepção teológica do mundo tem a sua origem no homem primitivo (primário) pelo fato deste, no seu tempo, não conhecer os fenômenos das leis que regem a natureza. E isso tem sido observado estudado e afirmado, não por analfabetos, mas por grandes sábios.

Talvez por astúcia, pósto que se trata de um comentário destinado às agências telegráficas com o objetivo de propaganda religiosa, "L'Osservatore Romano" é omissivo quanto às palavras com as quais a velha teria formulado a sua pergunta. Assim sendo, podemos conjecturar a respeito. A velha teria perguntado aos astronautas se, durante o seu vôo, encontraram Deus? Mas esta pergunta qualquer ateu a poderia ter feito. E quem nos pode assegurar que a velha não a tenha feito em um tom irônico? O autor do comentário em questão não nos diz que a velha é religiosa. Mas admitindo-se, por descendência, que o seja, a sua curiosidade, no fundo, não consistirá em qualquer dúvida quanto à existência do objeto de sua crença? De resto, da crença religiosa de uma velha não se pode concluir, já não digo que todo o povo, mas nem mesmo que todos os velhos da Rússia, ou de qualquer outro país, sejam religiosos. E se se diz que "o sentimento religioso é AINDA tão forte no povo da URSS, isso é uma confissão, embora implícita, de que tal sentimento tende a debilitar-se e consequentemente, a dissolver-se.

Quanto às idéias que vão de encontro à "realidade santa de Deus" não deixarei de frisar que os que se exprimem estão em boa companhia dentro da própria Igreja, por incrível que isto pareça. Assim, por exemplo, e segundo Carlos von Koseritz ("Roma — perante

o Século") Alexandre VI disse não ser cristão nem crer na existência de Deus e, segundo Lachatre ("Os Crimes dos Papas") Paulo III também afirmou que Cristo era o sol, adorado pela seita mitriaca e que Deus era o mesmíssimo Júpiter-Ammon dos pagãos.

A crença religiosa de quem quer que seja não pode servir de argumento afim de provar a existência do objeto de sua crença. A crença em Deus é subjetiva. Tão subjetiva que, moralmente falando, cada crente tem um Deus feito à sua imagem e semelhança. Assim, por exemplo, o Deus de São Francisco de Assis não é o mesmo que o de Carlos Magno que, em suas sanguinolentas guerras, protegido pelo papa Adriano I, e depois da morte deste, por Leão III, impunha o batismo, aos vencidos, com a ponta da espada encostada na garganta.

XX

Ontem à noite, depois do jantar, li-guei o rádio com a intenção de ouvir qualquer programa de música agradável; mas, — oh! azar! — não é que o meu rádio me presenteia com a voz de um orador político, uma voz que parecia não poder sair do atoleiro em que se havia metido, pois que dizia e repetia sempre num tom deprimente: "... um homem que tudo tem feito pelo povo; um homem que sempre trabalhou para o povo; um que se sacrificou pelo povo; um homem... e, de repente, trique. Nesta altura, o leitor já terá notado, pelas últimas aspas, que o "trique" é meu; isto é, da estação de rádio que cortou pelo meio o homem que tantos sacrifícios tem feito pelo povo e que eu nem ao menos cheguei a saber de quem se trata. É que aqui terminou o tempo, conforme depois vim a saber, e eu sómente cedido pelas estações de rádio para a propaganda política. E é pena, pois que eu poderia vir a ser... um de seus eleitores..."

O. S.

A Publicação de "O Libertário"

Não temos razões para queixas quanto a aceitação que está encontrando "O LIBERTÁRIO". Ao contrário, considerando as condições negativas com que tem de lutar um jornal como o nosso, sentimos-nos animados de maneira a nos fazer esperar que conseguiremos manter regularmente a sua publicação todos os meses, até podermos transformá-lo em quinzenário e até em semanário.

Estamos empenhados em estender a sua divulgação por todos os rincões do Brasil e o resultado desse trabalho já está sendo evidenciado pela correspondência que nos vai chegando, demonstrando o interesse pela obra deste órgão de propaganda libertária.

É esse apoio vai-se tornando cada vez mais necessário, pois o custo de impressão continua a aumentar. Este número sofrerá um novo acréscimo em seu preço.

Anima-nos, entretanto, a certeza de que "O LIBERTÁRIO" viverá, apesar desses e de outros óbices. Nós, a quem foi confiado o trabalho mais direto da publicação deste jornal, estamos dispostos a fazer tudo pa-

ra que este arauto da libertação humana prossiga sua caminhada vitoriosa.

E os companheiros, os simpatizantes — enfim, todos os que desejam a publicação de "O LIBERTÁRIO", esbarão, certamente, animados dos mesmos propósitos. Trabalhem, pois, todos, na diuísão do jornal por toda a parte e na coleta de recursos para cobrir as suas despesas.

Maos à obra, portanto! "O LIBERTÁRIO" completa, com este número mais um ano de publicação. Façamos com que esta data se repita pelos anos à fora.

O ESPERANTO

O esperanto é uma língua universal, falada atualmente por mais de vinte milhões de pessoas, de diferentes países, de diferentes raças, credos e religiões.

Sendo o esperanto uma mensagem de fraternidade universal, a sua divulgação se impõe como meio de aproximação entre os povos do mundo para uma melhor compreensão dos problemas humanos.

"SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA QUESTÃO SOCIAL"

Brochura de 40 páginas, reunindo os seguintes capítulos, além da biografia do autor — Errico Malatesta:

Origem dos males sociais — Fins e formas da sociedade — Anarquismo — Socialismo e Anarquismo — O Anarquismo e a Moral — O emprêgo da Violência — Vias e Meios — A luta econômica — A luta política — Que querêr e quem querêr a próxima transformação, — Conclusão.

Preço: Cr\$ 40,00. Pedidos ao diretor do jornal, para a Caixa Postal 57 39 — São Paulo.

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO — OUTUBRO DE 1962

ANO II — N.º 12

MOVIMENTO OPERÁRIO

A Ação Danosa dos Líderes de Fabricação em Séries

EDGARD LEUENRÖTH

É aos trabalhadores que se destinam estas despreziosas linhas.

Sim, companheiros, é a vocês que dedico as considerações que se seguem. Quando tantos improvisados dirigentes, líderes, chefes, mentores ou guias estão a surgir por aí, como cogumelos em terreno úmido, arrogando-se cada qual maiores direitos de ditar normas de ação, de dar palavras de ordem às MASSAS, ao ELEMENTO DE BASE, como eles classificam a classe trabalhadora, não me parece demais que um antigo militante obreiro também possa dizer alguma coisa sobre a situação do proletariado em face do mundo atual.

São palavras despreziosas de quem, como operário gráfico, vai para mais de seis décadas, se lançou no movimento reivindicador dos direitos do operariado e a ele dedicou todo o entusiasmo, todos os ardores e quase toda a atividade da sua juventude, agindo sempre, desde então até o presente, como elemento ativo no conjunto dos lutadores, como militante a par dos demais, colhendo os ensinamentos oriundos das lutas e transmitindo-os, de igual para igual, aos companheiros de peleja.

O que agora se está verificando é verdadeiramente lamentável. Muito ao contrário de procurarem esclarecer os trabalhadores, esses tais líderes, que pretendem arremessar o proletariado em obediente rebanho, outra coisa não tem feito senão semear confusão, contribuindo, assim, para embaraçar o trabalho de educação social do operariado.

Sente-se a gente com o direito de perguntar a esses "salvadores" de última hora se algum deles, exercendo atividade profissional, participando do movimento operário vivendo a vida íntima das organizações dos trabalhadores, não em pseudos sindicatos. Terão acaso, esse convívio com os operários, com eles tratando como militantes, afim de conhecerem de perto, seu feitiço, sua maneira de ser, sentir-lhes seus anseios, certificando-se de suas aspirações e aquilutando de sua capacidade de ação, contribuindo para a obra de educação e cultura no meio proletário?

Conhecerão esses líderes de fabricação em séries, porventura, os méritos da organização sindical de resistência, de defesa e reivindicação da classe trabalhadora, sabendo como ela se forma e funciona em seus vários setores? Pode-se afirmar, com segurança, que não. Quando muito, alguns deles, encheram-se de umas tintas de um mal digerido marxismo de arribação,

por ser isso da moda, enfileiraram uns tantos SLOGANS de importação, repetidos com ou sem propósito e... pronto, passam a considerar-se os guias absolutos das massas.

Afirmando servirem-se da dialética — rótulo vistoso para produto duvidoso — desdizem hoje, sem hesitação alguma, o que ontem afirmavam dogmaticamente, escamungando os que deles discordam. Danfes falavam em luta de classe e hoje proclamam a necessidade de colaboração com o capitalismo "progressista", baseados num nacionalismo "sui generis", trazido de outras bandas.

E assim procedem seguindo a orientação do seu líder máximo, transformado em messias a quem devem cega obediência, e, como ele atacando o imperialismo americano, sem perturbarem a giboesca digestão dos burgueses desta Terra de Vera Cruz, como se a exploração dos capitalistas brasileiros fosse menos danosa.

Isso autoriza a perguntar se tais opiniões estão de acordo com os princípios teóricos do socialismo, dando a essa designação seu sentido histórico. A resposta terá de ser, inegavelmente, negativa. Estariam bem na boca de algum político conservador burguês, mas não podem, de maneira alguma, encontrar justificativa paridas de quem se proclama líder único e indiscutível da classe obreira. São conclusões de laboracionistas, em contraste chocante com a luta permanente e inevitável do proletariado pela reivindicação de seus direitos menosprezados.

Dizem os referidos líderes, que os trabalhadores devem colaborar para o progresso do País.

Outra pergunta: — do Brasil ou dos capitalistas?

Mes, que têm feito os trabalhadores desde os tempos dos escravos e, agora, no regime da democracia republicana, senão trabalhar perenemente, para ajudar os capitalistas a acumular fortunas e, em troca, viverem uma vida de permanente penúria?

Entretanto, a capacidade de sacrifício dos operários é infinita e isso permitirá que eles atendam ao conselho dos "dirigentes" das massas e contribuam para que, aos balanços das empresas capitalistas, se juntem mais alguns milhões de cruzeiros aos muitos centos por cento de lucros acusados nos últimos balanços. Poderão também os trabalhadores, na sua eterna magnanimidade, amontoar e apertar ainda mais as suas famílias, afim de arranjar lugar, em seus porões, em seus cortiços, em seus barracões, em suas favelas e mocambos, para poderem acomodar os pobres burgueses que não se encontrarem bem instalados em seus palacetes de Copacabana, Jardim América, ou Morumbi. Se, em seus automóveis, os infelizes capitalistas já não se acomodam, não seja essa a dúvida, pois, espremendo bem, os operários lhes poderão arranjar lugares nos estribos dos bondes ou nas plataformas dos trens de subúrbios. E, se os cardápios dos Glórias, dos Pálaces, dos Jaraguás, os enfiam, há de dar e um jeito de serem instalados nos meios das calçadas e junto às paredes das fábricas, para almocarem, de marmitas nos joelhos, a comida requentada da véspera.

Quando até a gente do Vaticano, símbolo da organização do domínio da burguesia, falam em reformas de caráter social, embora à sua maneira, está claro; quando os próprios governantes de países capitalistas admitem uma marcha para transformações de caráter social, quando, mesmo entre os elementos conservadores, já se firmou a convicção de que grandes reformas de caráter socializante se tornaram inevitáveis, no Brasil, aqueles que se apresentam como dirigentes su-

premos do movimento proletário vêm proclamar que os trabalhadores é que deverão fazer ainda esforços maiores em favor de um maior enriquecimento dos capitalistas, porque, em rigorosa análise, nisso se resume o proclamado progresso do País, pois em nada beneficia a situação do povo trabalhador. E isso num país, como o nosso, onde o nível de vida da classe trabalhadora é dos mais baixos!

O pior é que essa tendência colaboracionista foi levada a tal ponto, que já chegou a constituir verdadeira traição aos trabalhadores. É uma verdade dura mas que deve ser dita.

Vocês, meus velhos companheiros de tantas pelejas duras, dolorosas e, muitas vezes, sangrentas, saberão defender-se, não precisam de defensores de encomenda.

Observem, estudem a situação, examinem a conduta dos que pretendem orientar o movimento operário e não se esqueçam nunca do que diz a nossa gloriosa INTERNACIONAL, renegada embora no país que se proclama pátria do socialismo, mas sempre a mesma: "FAÇAMOS, NÓS POR NOSSAS MÃOS, AQUILO QUE NOS DIZ RESPEITO!"

Nada de messias onicientes. Cada um deve ser líder de si mesmo, tornando-se consciente e unindo-se aos seus companheiros de classe trabalhadora para defesa direta dos direitos de todos e de cada qual.

VITÓRIA DE TRABALHADORES EM CALÇADOS

Os trabalhadores da indústria do calçado, de quando em vez, rompem o círculo vicioso do ministerialismo trabalhista e, lembrando os velhos tempos da ação direta e do sindicalismo livre, reivindicam diretamente as melhorias de que carecem.

Foi o que aconteceu, há pouco, com os operários das firmas Clark e Industrial. Em virtude da crescente carestia de vida, que já tomou aspectos alarmantes de calamidade pública, estes trabalhadores resolveram reclamar 15%, como antecipação ao reajuste salarial que somente se verificou em Outubro do corrente ano. Os patrões, como sempre acontece e para não desmentir o passado reacionário dos donos de fábricas de calçados de São Paulo, negaram-se a atendê-los chegando os chefes "democráticos" da Industrial a requisitar a intervenção do DOPS. Os sapateiros, porém, não se amedrontaram e, pacificamente mas firmes e coesos, fizeram uma greve branca, que somente terminou quando as suas justas pretensões foram atendidas.

Foi um belo exemplo de ação direta e coesão sindical.

LIBERTÁRIO

Diretor: PEDRO CATALO
A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00

Eleições

As pugnas eleitorais convertem-se em grosseiras burlas de mercenários ou em pugilatos de aventureiros. A sua justificação está a cargo de eleitores inocentes, que vão às urnas como se fossem a uma festa.

Os políticos assaltam o parlamento para entregar-se a especulações lucrativas.

Vendem o seu voto a empresas que exploram as arcas do Estado; prestigiam projetos de grandes negócios com o erário público, cobrando seus discursos a tanto por minuto; pagam com déduvas oficiais aos seus eleitores, comerciam a sua influência para obter concessões em favor da sua clientela. Os homens de negócios estão sempre com a maioria. Apoiam todos os governos.

JOSÉ INGENIEROS